REVISTA BAIANA DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

ARTIGO

https://doi.org/10.47207/rbem.v7i1.27880

Um, dois, três, testando... um levantamento bibliográfico sobre a integração da História Oral aos conhecimentos matemáticos de comunidades locais

SANTOS, Ingridy Maria Mirandola dos
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Graduada em licenciatura em matemática.
https://orcid.org/0000-0002-7107-3712. ingridymirandola@gmail.com

SABINO, Matheus Eduardo Olimpio
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Graduado em licenciatura em matemática.
https://orcid.org/0009-0000-7961-4125. omatheus.eduardo@outlook.com

GONZALES, Kátia Guerchi
Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS). Doutora em educação para a ciência.
https://orcid.org/0000-0003-2827-2545. katia.gonzales@uems.br.

Resumo: Este artigo apresenta um levantamento bibliográfico que investiga as potencialidades da História Oral como estratégia pedagógica para integrar saberes matemáticos da comunidade local ao ensino formal de Matemática. Fundamentado nos referenciais da Educação Matemática, da Etnomatemática e da pesquisa qualitativa, o estudo problematiza a dissociação entre matemática escolar e os conhecimentos produzidos no cotidiano, defendendo a valorização das narrativas comunitárias como caminho para a construção de aprendizagens significativas. A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, estruturada a partir de levantamento bibliográfico em bases de dados acadêmicos, aplicação de critérios de seleção e análise temática das produções encontradas. Os resultados indicam que a História Oral favorece a humanização do ensino, a contextualização curricular e o reconhecimento da diversidade cultural presente no espaço escolar. Conclui-se que a articulação entre saber científico e saber local, mediada pela oralidade, amplia o sentido social da Matemática e fortalece práticas pedagógicas mais democráticas, críticas e culturalmente sensíveis.
Palavras-chave: Educação Matemática. Etnomatemática. Saberes locais.

One, two, three, testing... a literature review on the integration of Oral History with the mathematical knowledge of local communities

Abstract: This article presents a literature review that investigates the potential of Oral History as a pedagogical strategy for integrating mathematical knowledge from the local community into formal mathematics education. Based on references from mathematics education, ethnomathematics, and qualitative research, the study addresses the disconnect between school mathematics and the knowledge produced in everyday life, advocating for the appreciation of community narratives as a path to meaningful learning. The methodology adopted is qualitative, exploratory, and descriptive in nature, structured on the basis of a bibliographic survey of academic databases, the application of selection criteria, and thematic analysis of the findings. The results indicate that oral history promotes the humanization of teaching, curricular contextualization, and recognition of cultural diversity in the school environment. It is concluded that the articulation between scientific knowledge and local knowledge,

mediated by orality, broadens the social meaning of mathematics and strengthens more democratic, critical, and culturally sensitive pedagogical practices.
Keywords: Mathematics Education. Ethnomathematics. Local knowledge.

Uno, dos, tres, probando... una revisión bibliográfica sobre la integración de la historia oral con el conocimiento matemático de las comunidades locales

Resumen: Este artículo presenta una revisión bibliográfica que investiga el potencial de la historia oral como estrategia pedagógica para integrar los conocimientos matemáticos de la comunidad local en la enseñanza formal de las matemáticas. Basado en los referentes de la Educación Matemática, la Etnomatemática y la investigación cualitativa, el estudio problematiza la disociación entre las matemáticas escolares y los conocimientos producidos en la vida cotidiana, defendiendo la valorización de las narrativas comunitarias como camino para la construcción de aprendizajes significativos. La metodología adoptada se caracteriza por ser cualitativa, de carácter exploratorio y descriptivo, estructurada a partir de una revisión bibliográfica en bases de datos académicas, la aplicación de criterios de selección y el análisis temático de las producciones encontradas. Los resultados indican que la historia oral favorece la humanización de la enseñanza, la contextualización curricular y el reconocimiento de la diversidad cultural presente en el espacio escolar. Se concluye que la articulación entre el saber científico y el saber local, mediada por la oralidad, amplía el sentido social de las matemáticas y fortalece prácticas pedagógicas más democráticas, críticas y culturalmente sensibles.
Palavras-Clave: Educación matemática. Etnomatemática. Saberes locales.

Introdução

O Ensino de Matemática, historicamente, tem sido marcado por práticas pedagógicas que tem como característica a formalização de conceitos e procedimentos, muitas vezes desvinculados das experiências vividas pelos sujeitos em seus contextos socioculturais. Essa dissociação entre a matemática escolar e os saberes produzidos no cotidiano pode contribuir para que os estudantes concebam a disciplina como distante de suas realidades, o que impacta tanto o engajamento quanto a construção de sentidos para suas aprendizagens. Nesse cenário, Schiliemann *et al.* (2006, p. 12) caracteriza a aprendizagem da matemática na sala de aula como "um momento de interação entre Matemática organizada pela comunidade cientifica, ou seja, a matemática formal e a Matemática como atividade humana". Sendo assim, torna-se essencial que estes profissionais compreendam as distintas formas de viver, integrando os conhecimentos matemáticos às mais variadas esferas socioculturais.

Sob esse viés, a valorização dos conhecimentos produzidos em contextos não escolares implica compreender que a Matemática não se constitui apenas no interior da escola, mas que também pode ser produzida e ressignificada nas práticas cotidianas da comunidade. Assim,

estratégias de medição em atividades de trabalho, formas de organização do tempo, práticas de finanças, entre muitos outros exemplos, evidenciam a presença de raciocínios matemáticos que, embora nem sempre nítidos, expressam maneiras de pensar e agir matematicamente. Nessa perspectiva, integrar esses saberes ao ensino pode contribuir para a construção de uma aprendizagem mais significativa, ao estabelecer caminhos entre o conhecimento científico e as experiências vivenciadas pelos estudantes.

Diante dessas concepções, a História Oral surge como possibilidade metodológica para investigar e dar visibilidade aos saberes matemáticos presentes nas narrativas da comunidade local. Alberti (1989) caracteriza a História Oral como um método de pesquisa que privilegia entrevistas, nas quais podem favorecer o entendimento das diversas conjunturas e visões sobre o mundo, estabelecendo relações ao se aproximar daquilo que está sendo estudado. Assim, ao utilizar essa metodologia na sala de aula, o professor contribui para uma compreensão dos conteúdos estudados ao promover espaços que tirem o estudante da sala e o coloca em um patamar que podem ser explorados os mais diferentes contextos.

A incorporação da História Oral em propostas pedagógicas pode ampliar as possibilidades de abordagem da matemática em sala de aula, favorecendo práticas de ensino que dialoguem com a realidade local e com as experiências dos sujeitos que compõem a comunidade escolar. Assim, ao trazer para o espaço educativo as narrativas de moradores, trabalhadores e outros atores sociais, cria-se uma oportunidade de problematizar situações concretas que envolvem saberes matemáticos, promovendo reflexões que extrapolam o domínio técnico e alcançam dimensões culturais, sociais e históricas de conhecimento.

Sob essas compreensões, este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa, com caráter exploratório e descritivo. Para Minayo (2002), a pesquisa qualitativa abrange particularidades que não se expressam de forma numérica, constituindo conexões com significados, motivos, crenças, valores e atitudes, estabelecendo assim, um espaço de profundidade com relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a manipulação de variáveis. Nesse sentido, Gil (2002) corrobora essas ideias ao argumentar que este delineamento possibilita a análise de temáticas sob novas perspectivas. Assim, nesta pesquisa, a referida abordagem emerge como uma potencialidade de estabelecer uma visão integrada de estudos já realizados sobre a História Oral e sua interface com a Educação Matemática.

Para a realização desta proposta, o percurso metodológico foi estruturado em três etapas distintas. Primeiramente, realizou-se o levantamento bibliográfico em bases de dados, como o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e o Google Acadêmico, utilizando-se os descritores: História Oral, Etnomatemática e Ensino de Matemática. Em um segundo momento, aplicaram-se critérios de refinamento para a seleção dos estudos, priorizando pesquisas publicadas que se constituíram referência na área, de modo que estabelecessem diálogos entre os saberes comunitários e a sala de aula. Por fim, as obras selecionadas foram submetidas a uma análise temática, buscando identificar as principais potencialidades e os desafios apontados pelos autores no uso da História Oral como estratégia pedagógica.

Em vista disso, este trabalho tem como objetivo geral investigar as potencialidades da História Oral como estratégia pedagógica para integrar saberes matemáticos da comunidade local ao ensino formal de Matemática, por meio de um levantamento bibliográfico. A respeito dos objetivos específicos, esperamos: identificar como a História Oral pode ser utilizada para aproximar práticas e conhecimentos matemáticos presentes nas narrativas da comunidade local; refletir sobre as potencialidades pedagógicas das narrativas orais para a construção de conhecimentos matemáticos contextualizados e culturalmente situados; sistematizar recomendações pedagógicas, com base na literatura analisada, que orientem o professor na utilização da História Oral como recurso didático no ensino de Matemática, valorizando os conhecimentos da comunidade local.

Buscando atender aos objetivos da pesquisa, elaboramos a seguinte questão norteadora: como a literatura acadêmica caracteriza as potencialidades da História Oral como estratégia pedagógica para a integração entre os saberes matemáticos locais e o ensino formal de Matemática?

A Educação Matemática e os saberes do cotidiano

A Educação Matemática, enquanto campo de investigação e prática pedagógica, tem passado por importantes transformações nas últimas décadas, especialmente no que se refere à ampliação de seus referenciais teóricos e à problematização de concepções tradicionais de ensino e aprendizagem. Historicamente, o ensino de matemática foi marcado por uma abordagem centrada na transmissão de conteúdos formais, frequentemente dissociados dos

contextos socioculturais dos estudantes. Essa perspectiva contribuiu para a construção de uma imagem da matemática como um conhecimento abstrato, neutro e distante da realidade vivida pelos sujeitos, o que, em muitos casos, gerou sentimentos de estranhamento, dificuldade e até rejeição em relação à disciplina.

Nesse cenário, diferentes pesquisas no campo da Educação Matemática passaram a questionar a centralidade do saber escolar formal, apontando para a necessidade de reconhecer que a produção de conhecimentos matemáticos ocorre em múltiplos espaços sociais. As práticas cotidianas dos sujeitos, sejam no trabalho, na vida comunitária, atividades culturais e nas dinâmicas econômicas locais, envolvem constantemente formas de raciocínio matemático, ainda que não sejam explicitadas nos termos da matemática acadêmica. Assim, medidas, estimativas, comparações, classificações, noções de proporcionalidade, organização espacial e leitura de informações numéricas são mobilizadas cotidianamente como estratégias para resolver problemas concretos da vida diária.

A aproximação entre Educação Matemática e saberes cotidianos possibilita repensar o papel do professor como mediador de processos de construção de sentidos, e não apenas como um mero transmissor de conteúdos prontos. Nesse movimento, o ensino passa a ser concebido como um espaço de diálogo entre as diferentes formas de conhecimento, em que a matemática escolar é colocada em relação com os modos de pensar e agir matematicamente presentes no cotidiano dos estudantes. Essa perspectiva contribui para uma prática pedagógica mais sensível às realidades locais, às trajetórias de vida e às experiencias socioculturais dos sujeitos, reconhecendo-os como participantes ativos no processo de construção do conhecimento.

Além disso, a valorização dos saberes cotidianos contribui para tensionar concepções hegemônicas de currículo e de ensino, que, por muitas vezes, desconsideram a diversidade cultural e social presente no espaço escolar. Nessa direção, somente em 1970 o matemático e pesquisador Ubiratan D'Ámbrosio apresenta pela primeira vez a Etnomatemática, que vem para trazer contribuições a partir das práticas matemáticas que emergem dos diferentes modos de vida, do trabalho e das culturas de diferentes grupos sociais, legitimando saberes construídos fora dos espaços formais de escolarização.

Por fim, ao considerar os saberes cotidianos ao processo de ensino e aprendizagem, a Educação Matemática se aproxima de uma perspectiva formativa mais humanizadora, que reconhece o outro em sua singularidade e em sua capacidade de produzir conhecimento. A

Etnomatemática fortalece esse movimento ao legitimar práticas matemáticas oriundas de contextos culturais diversos, estreitando o vínculo entre escola e comunidade e ampliando o sentido social do ensino da matemática. Desse modo, tal integração configura-se por meio de práticas situadas e eticamente comprometidas com a valorização da diversidade de experiências e saberes no contexto escolar.

História Oral: fundamentos, surgimentos e caminhos metodológicos

A História Oral configura-se como uma metodologia de pesquisa fundamentada na escuta, no registro e na análise de narrativas produzidas por sujeitos que vivenciaram ou testemunharam acontecimentos relevantes em suas trajetórias. Sua principal marca está em reconhecer a memória, seja ela individual ou coletiva, como fonte legítima para construção do conhecimento, ampliando o campo tradicional da historiografia, tradicionalmente centrada em documentos escritos.

Diante dessa concepção, Garnica e Souza (2012) destacam a História Oral como uma potencialidade para constituir fontes históricas, possibilitando ao pesquisador e à comunidade acadêmica o aprofundamento em diferentes frentes de análise. Nessa perspectiva, compreender o surgimento da História Oral e seus procedimentos é fundamental para garantir princípios éticos e metodológicos, assegurando assim, a legitimidade e a profundidade necessárias ao processo de investigação.

O desenvolvimento da História Oral emerge mediante ao avanço da tecnologia, especialmente aos dispositivos de gravação, que possibilitaram novas formas de registrar memórias e experiências. Iniciativas passam a ganhar maior visibilidade a partir da década de 1940, no contexto norte-americano, com destaque para experiencias vinculadas à Universidade de Columbia, associadas ao nome de Allan Nevins (Ferreira, 1994). Apesar de Nevins ser creditado pelo surgimento dessas práticas, Garnica e Souza (2012) problematizam a ideia de uma única fundação da História Oral, ao indicarem que sua manifestação decorre das necessidades históricas e tecnológicas que ocorrem em diferentes realidades.

Desde seus movimentos iniciais, a História Oral vem articulando práticas como registro de narrativas, a valorização e o reconhecimento de experiências e a aproximação da produção historiográfica com o cotidiano, o local e o tempo presente, contribuindo para o fortalecimento de estudos voltados às histórias locais e comunitárias (Meihy, 1998). Sob essa perspectiva, a

consolidação da História Oral no Brasil surge mediante influências da literatura europeia e norte-americana, em um processo constante de análises e reflexões (Meihy, 2000). O autor ainda esclarece:

> O processo de "devoração", usado metaforicamente – emprestado da literatura brasileira que se expressa através da "antropofagia" –, sugere que, se usados com critério, os textos importados podem servir de base para, a partir deles, se pensar uma situação boa para as análises da história oral latino-americana. Ao mesmo tempo, advoga-se a criação de novos conceitos e mecanismos de estudos despontados daqui e voltados menos para a "adaptação" (Meihy, 2000, p. 88-89).

Embora seja inicialmente concebida como uma maneira de dar visibilidade às narrativas subalternizadas, ou seja, “ouvir a voz dos excluídos e dos esquecidos; trazer à luz as realidades ‘indescritíveis’, quer dizer, aquelas que a escrita não consegue transmitir” (Joutard, 2000 p. 33), a História Oral fortaleceu sua finalidade para além do resgate de memória, obtendo maturidade metodológica em 1994, com a criação da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), durante o II Encontro Nacional de História Oral, na qual representou um marco de institucionalização do campo no país, ao promover a articulação entre pesquisadores e fortalecer redes acadêmicas (Reinaldo; Saeki; Reinaldo, 2003).

Nesse sentido, dentre os desdobramentos acarretados pela realização do X Congresso Internacional de História Oral no Brasil, em 1998, no Rio de Janeiro, esse processo culminou a realização de diversos eventos, publicações e a criação dos mais variados núcleos de pesquisa em diferentes instituições (Reinando; Saeki; Reinaldo, 2003). Sob esse viés, a História Oral consolida-se como uma metodologia reconhecida no cenário cientificado nacional, ampliando suas possibilidades investigativas no campo educacional e social.

História Oral como ferramenta de pesquisa qualitativa na Educação Matemática

Ao se afirmar que uma pesquisa adota a História Oral como metodologia, não se está apenas indicando a realização de entrevistas. Garnica e Souza (2012) problematizam esse ponto ao questionarem o que significa declarar que “este trabalho tem como metodologia a História Oral”. Para os autores, significa, antes de qualquer coisa, comprometer-se com a constituição de fontes às quais o próprio estudo e outras circunstâncias, poderão recorrer para focalizar determinados objetos de pesquisa. Logo, a História Oral se vincula a um posicionamento epistemológico que reconhece a oralidade como forma de produzir conhecimento e de registrar as mais variadas experiências.

Nesse contexto, o relato oral vem ganhando relevância na produção historiográfica e educacional, uma vez que a palavra falada é base da comunicação humana e, em certos contextos, constitui o principal meio da interação com o conhecimento. Pela oralidade, sujeitos compartilham significados e externalizam experiências, produzindo narrativas que articulam memórias, afetos e interpretações. Essa perspectiva diferencia a História Oral de outras abordagens qualitativas que, embora recorram a entrevistas, não necessariamente assumem o compromisso historiográfico de produzir, tratar e disponibilizar fontes orais com rigor.

Na Educação Matemática, a História Oral tem sido mobilizada como uma possibilidade de compreender as trajetórias formativas e profissionais, práticas pedagógicas e os diferentes modos de significar o ensino e a aprendizagem da matemática. Ainda que diversos trabalhos na área coletem depoimentos e adotem procedimentos qualitativos, nem todos se comprometem com a criação e o tratamento sistemático de fontes. Por isso, ao optar pela História Oral, o pesquisador precisa explicitar o alcance historiográfico do estudo, bem como os cuidados éticos, técnicos e interpretativos envolvidos na produção das narrativas.

Procedimentos da História Oral

A História Oral constitui-se como um percurso metodológico de caráter qualitativo que privilegia a escuta e a produção de narrativas a partir de encontros dialógicos com os participantes, possibilitando acessar sentidos atribuídos às suas trajetórias, experiências e lembranças. Para Thomson (2024, p. 24) as narrativas:

> podem oferecer novas palavras e maneiras de articular o passado, o que não significa que os narradores estejam reinventando suas histórias, mas sim que o historiador precisa pensar cuidadosamente em como as pessoas usam a linguagem e os significados em constante mudança de sua cultura para articular e reinterpretar a experiência pessoal. O historiador oral pode usar isso como evidência tanto sobre a história quanto sobre a memória histórica.

Assim, no âmbito da Educação Matemática, essa perspectiva tem sido mobilizada por pesquisadores como Antonio Vicente Marafioti Garnica e Luzia Aparecida de Souza, que propõem um conjunto de etapas para produção e o tratamento das fontes, abrangendo desde a realização das entrevistas e o registro dos relatos até os processos de transcrição, textualização, formalização ética por meio da carta de cessão e posteriormente, a análise interpretativa das narrativas.

A adoção da História Oral como metodologia de pesquisa implica a organização de um conjunto de procedimentos – conforme indicado no Quadro 1 – que não se restringem apenas ao momento da entrevista, mas abrangem um percurso investigativo amplo, ético e sistematizado de produção de fontes. Esse percurso envolve desde a preparação do encontro com os participantes e a escuta sensível de suas narrativas até o tratamento cuidadoso dos registros produzidos, garantindo rigor metodológico, fidelidade aos sentidos expressos pelos sujeitos e respeito às dimensões éticas da pesquisa. Assim, cada etapa assume papel fundamental na constituição do material empírico e na construção das análises, articulando produção, registro, organização e interpretação das narrativas.

Quadro 1: Procedimentos da história oral e características

ENTREVISTA
A entrevista ocorre num misto de igualdade e diferenciação: o depoente reconhece o pesquisador a ponto de abrir-lhe suas memórias e o pesquisador, por sua vez, aceita e respeita essas memórias registrando-as como significativas ao seu arquivo de vivências. Mas, ao mesmo tempo, é o estranhamento, o distanciamento, a diferenciação entre o pesquisador e o depoente – e, consequentemente, de suas vivências e memórias – que possibilitam a relação depoente-pesquisador-narrativa (Garnica, 2003, p. 24).
DEPOIMENTOS
O depoente narra-se, descrevendo e, ao mesmo tempo, compondo seu cenário. Joel Martins, em texto de 1989 (pp. 54-58), afirma serem as descrições o instrumento básico de trabalho tanto para as Ciências Humanas quanto para as Naturais, precisando bastante claramente o que a descrição é, em si, em relação à audiência, ao assunto a que se refere, às suas funções, à posição do falante (quem descreve) em relação ao ouvinte, e as suas possibilidades de êxito (Garnica, 2003, p. 24-25).
TRANSCRIÇÃO
Durante a transcrição das entrevistas na história oral, o pesquisador se depara com o desafio de registrar fielmente a fala do depoente, optando geralmente por uma transcrição “literal”, que busca um equilíbrio entre o que foi dito e o que será posteriormente reconstruído em texto. Embora haja um esforço legítimo em captar elementos não verbais como silêncios e gestos, é preciso reconhecer que nenhum registro substitui plenamente a vivência do momento, nem torna o discurso totalmente presente e objetivo (Garnica, 2003, p. 30).
TEXTUALIZAÇÃO
A textualização, embora respeite os dados do depoimento, é uma produção do historiador com estilo próprio, distinta da fala original. Refinamentos posteriores, como os propostos por Meihy e Gattaz, auxiliam na familiarização mais profunda com os relatos, mas não devem ser confundidos com interpretação. Esta, segundo a concepção hermenêutica da História, tem início muito antes — ao escolher o tema, selecionar os depoentes e escutá-los —, sendo impossível determinar com precisão o momento em que se adentra o processo interpretativo (Garnica, 2003, p. 32).

CARTA DE CESSÃO
Concluída a fase de conferência e legitimação, o depoente formaliza a cessão dos direitos de uso de seu depoimento, seja por meio de assinatura ou declaração gravada, especificando quais materiais podem ser utilizados (gravação, transcrição, textualização) e em que contextos, como arquivamento ou produção acadêmica (Garnica, 2003. p.33).

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

No campo historiográfico, Garnica (2003) diferencia, entre outras possibilidades, a História de Vida e a História Oral Temática. Na História de Vida, o foco recai sobre a trajetória do colaborador compreendendo sua totalidade (infância, formação, vida profissional e pessoal), compondo assim, uma trama de percepções e construções do espaço e do tempo vividos. Entretanto, na História Oral Temática, ainda que se baseie em depoimentos de sujeitos significativos para o problema investigado, o recorte concentra-se em eixos temáticos delimitados, permitindo aprofundar os aspectos específicos do objeto de pesquisa.

Diante dessas percepções, a mobilização da História Oral na Educação Matemática pode fortalecer a valorização das vozes docentes, a reconstrução de práticas pedagógicas e a problematização de discurso hegemônicos sobre o ensino de matemática. Com isso, investigar por meio da História Oral permite ao pesquisador transformar as diferentes e complexas experiências em um repleto acervo memorial, consistindo em um material para futuras pesquisa, contribuindo assim, para o enriquecimento da memória educacional brasileira. Afinal, "só faz sentido discutir o documento em História Oral se for considerada sua disponibilidade pública" (Meihy, 2005, p. 08). Portanto, é primordial que o pesquisador tenha domínio dos processos de escuta, registro, análise e devolutiva, entendendo as narrativas como produções situadas, atravessadas por memórias, contextos e sentidos.

O Currículo de Matemática e a Integração de Saberes

A discussão sobre o papel do currículo de matemática tem avançado ao considerar a superação da concepção ser uma disciplina abstrata e, muitas vezes, desconexas com a realidade dos estudantes. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o ensino da matemática deve ir além da memorização de conceitos ou fórmulas, promovendo o desenvolvimento do letramento matemático e de competências. Assim:

> os estudantes devem desenvolver habilidades relativas aos processos de investigação, de construção de modelos e de resolução de problemas. Para tanto, eles devem mobilizar seu modo próprio de raciocinar, representar, comunicar, argumentar e, com base em discussões e validações conjuntas, aprender conceitos e desenvolver representações e procedimentos cada vez mais sofisticados (Brasil, 2018, p. 529).

Diante disso, a integração de saberes locais ao currículo oficial deve ser concebida como uma estratégia de contextualização prevista legalmente. Nesse sentido, a BNCC sugere que o ensino da matemática considere as experiências e os conhecimentos prévios dos estudantes, o que viabiliza a articulação da História Oral e a Etnomatemática no espaço escolar, atuando como mediadoras entre o saber científico e o saber cotidiano.

Apesar dos esforços, a integração dessas estratégias enfrenta desafios estruturais. Como aponta Skovsmose (2001), o "currículo engessado", de certo modo prioriza a preparação para exames padronizados, o que pode dissolver o tempo dedicado à investigação de práticas comunitárias. Sob essa perspectiva, integrar saberes locais exige que o professor atue como um mediador cultural, capaz de identificar nos relatos da comunidade – promovidos pela História Oral – conceitos como proporcionalidade, estimativa, geometria e lógica, conectando-os aos objetos de conhecimento previstos para cada ano escolar.

Diante dessas concepções, a integração de saberes não visa substituir a Matemática formal pela popular, mas sim promover um diálogo de conhecimentos. Ao trazer a cultura local para o centro do currículo, a escola reconhece a legitimidade intelectual do grupo social do aluno, tornando o aprendizado mais significativo, democrático e inclusivo.

Sendo assim, as narrativas obtidas por meio da História Oral se apresentam como possibilidades de evidenciar os saberes matemáticos locais. Ao registrar as memórias de sujeitos da comunidade, como agricultores, comerciantes, artesãos e construtores, a pesquisa em Educação Matemática identifica que o saber prático não é desprovido de lógica, mas sim estruturado em um sistema próprio de valorização e medida que tangencia os conteúdos abordados sob a ótico do ensino formal.

Um exemplo recorrente na bibliografia é a sistematização de conceitos de geometria e proporcionalidade a partir dos relatos de mestres de obras ou costureiras. Nessas situações, a História Oral não apenas documenta as técnicas, mas revela processos cognitivos complexos, como o cálculo mental de áreas ou a simetria, que podem ser transpostos para a sala de aula como pontos de partida para o ensino de conteúdos geométricos.

As narrativas, portanto, desempenham um processo de humanizar os objetos de conhecimentos. Quando o estudante reconhece os conceitos matemáticos nos relatos de sua comunidade, ocorre uma quebra na percepção da Matemática como uma ciência abstrata e inacessível. Diante disso, a literatura aponta que essa estratégia promove uma ancoragem epistemológica, na qual os novos conceitos se ligam aos significados culturais pré-existentes, conferindo sentido prático e social ao aprendizado obtido no ambiente escolar.

Recomendação pedagógica: articulando a História Oral com o ensino de Matemática

A partir do levantamento bibliográfico literatura realizado, é possível elencar diretrizes pedagógicas para orientar docentes que buscam articular a História Oral ao ensino formal de Matemática. Tais recomendações visam garantir que a integração dos saberes locais não ocorra de forma superficial, mas sim como um processo de investigação científica e valorização cultural. É importante salientar que as recomendações aqui apresentadas emergem como "uma" possibilidade. Assim, é essencial que o docente esteja atento às condições e aos contextos em que está inserido. Tais sugestões serão abordadas no Quadro 2:

Quadro 2 – Recomendação pedagógica

Etapa 1: Desconstrução do olhar (sensibilização)
Nessa etapa, o docente introduz o conceito de Etnomatemática e discute com os alunos a existência de conhecimentos matemáticos não escolares. • **Objetivo:** Reconhecer a legitimidade do saber do outro. • **Ação Didática:** Exposição de imagens ou objetos da cultura local (como redes, cestos, ferramentas de metragem e plantio, etc.). • **Problematização:** O professor deve questionar aos alunos se existe matemática fora da sala de aula ou do livro didático, perguntar sobre "matemáticos" da comunidade que nunca foram à universidade. • **Competência:** Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Etapa 2: Oficina de Investigação (Preparação Teórica)

Neste momento, os estudantes aprendem os procedimentos da História Oral. Nesta fase, elabora-se o roteiro semiestruturado, focado em identificar "o quê", "como" e "por que" determinadas medições, cálculos ou lógicas são aplicadas naquela prática. Além disso, o professor deve situá-los acerca dos movimentos de transcrição, bem como, a assinatura dos documentos que autorizam a utilização desses materiais.

- **Objetivo:** Preparar o estudante para o papel de pesquisador.
- **Ação Didática:** Apresentar os procedimentos da História Oral, evidenciando os tratamentos metodológicos e éticos.
- **Construção do Roteiro:** Elaboração de perguntas para compreender os conhecimentos locais. Por exemplo: "Como saber que a terra está pronta para o plantio?", "Qual a medida utilizada para a fabricação do produto?", etc.
- **Competência:** Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Etapa 3: Coleta de Narrativas

Momento de realização das entrevistas com os membros da comunidade. Essa é a etapa central da História Oral, onde o registro em áudio ou vídeo preserva não apenas os saberes matemáticos, mas os contextos em que eles ocorrem.

- **Objetivo:** Coletar a memória técnica e social da comunidade.
- **Ação Didática:** Realização das entrevistas e coleta de narrativas. O aluno deve registrar não apenas os números, mas o contexto. Se o colaborador usar as mãos para explicar um volume, o aluno deve fotografar ou descrever.
- **Competência:** Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Etapa 4: Processo de Transcrição e Análise
Em sala de aula, os alunos transcrevem os relatos e isolam as situações-problema encontradas. O professor atua como mediador durante todo o processo, auxiliando e colaborando para a construção de todo o material, no qual deve ser retornado ao colaborador, ajustado, legitimado e autorizado para constituir a pesquisa. • **Objetivo:** Realizar a transposição didática do saber local para o saber escolar. • **Ação Didática:** Professor auxilia no processo de traduzir o saber-fazer em saber-formal. • **Competência:** Compreender as relações entre conceitos e procedimentos dos diferentes campos da Matemática (Aritmética, Álgebra, Geometria, Estatística e Probabilidade) e de outras áreas do conhecimento, sentindo segurança quanto à própria capacidade de construir e aplicar conhecimentos matemáticos, desenvolvendo a autoestima e a perseverança na busca de soluções.
Etapa 5: Sistematização e Devolutiva
A etapa final consiste na produção de um produto final (um seminário, um livreto de problemas contextualizados ou um vídeo documentário). É fundamental que o conhecimento retorne à comunidade, validando o saber dos colaboradores. • **Objetivo:** Consolidar o aprendizado e promover a valorização da identidade cultural. • **Ação Didática:** Professor e estudantes convidam o colaborador para vir à escola ou envio de uma carta/vídeo com os resultados da pesquisa. • **Competência:** Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026)

Considerações finais

A presente investigação permitiu concluir que a utilização da História Oral como estratégia pedagógica no ensino de Matemática transcende a mera ilustração de conteúdos, configurando-se como um potente instrumento de articulação entre o saber científico e a realidade sociocultural dos estudantes. A análise desenvolvida demonstra que as narrativas das comunidades locais não são apenas relatos de memória, mas constituem repositórios de

racionalidades matemáticas próprias que, quando levadas à sala de aula, conferem novo sentido ao aprendizado.

A recomendação pedagógica estruturada em etapas de investigação, tradução e análise revelou-se um caminho viável para operacionalizar as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao exigir que o discente estabeleça relações entre procedimentos empíricos e conceitos formais, fortalecendo sua autoestima e o reconhecimento de sua identidade cultural como parte do saber científico.

Nesse sentido, ao abrir espaço para as vozes da comunidade, a escola não apenas humaniza a disciplina de Matemática, mas também promove uma educação descolonizada e crítica. A integração sugerida entre História Oral e Etnomatemática não sobrepõe um saber ao outro; entretanto, promove uma tradução intercultural que prepara o estudante para ler e interpretar o mundo de forma mais ampla e autônoma. Espera-se que este estudo sirva como subsídio para que docentes percebam na oralidade uma fonte potencial de situações-problema, capazes de transformar as práticas pedagógicas em um exercício de cidadania e respeito à diversidade de saberes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena**. História Oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 fev. 2026.

FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História Oral e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. 157 p. Disponível em: https://doceru.com/doc/n150s0v8. Acesso em: 30 jan. 2026.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. História oral e educação matemática: de um inventário a uma regulação. **Zetetike**, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 9–56, 2003. DOI: 10.20396/zet.v11i19.8646949. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/zetetike/article/view/8646949. Acesso em: 27 fev. 2026.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti; SOUZA, Luzia Aparecida de. **Elementos de História da Educação Matemática**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 384 p. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/afd1c167-e614-4b6b-a494-30dac88d6f56/content. Acesso em: 27 jan. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 22 fev. 2026.

JOUTARD, Philippe. Desafios à História Oral do Século XXI. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000. 204 p. Disponível em: https://books.scielo.org/id/2k2mb. Acesso em: 01 fev. 2026.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Desafios da história oral latino-americana: o caso do Brasil. In: Marieta de Moraes Ferreira; Tania Maria Fernandes; Verena Alberti (Orgs.). **História oral:** desafios para o século 21. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. Disponível em: https://books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879.pdf. Acesso em: 30 jan. 2026.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005. 291 p. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/570805400/Jose-Carlos-Sebe-Bom-Meihy-Manual-de-Historia-Oral. Acesso em: 01 fev. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 80 p. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

REINALDO, Amanda Márcia dos Santos; SAEKI, Toyoko; REINALDO, Telma Bonifácio dos Santos. O uso da história oral na pesquisa em enfermagem psiquiatria: revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 5 n. 2 p. 65 – 70, 2003. Disponível em: https://revistas.ufg.br/fen/article/view/780. Acesso em: 30 jan. 2026.

SCHLIEMANN, Ana Lúcia dias; CARRAHER, David; CARRAHER, Terezinha. **Na vida dez, na escola zero**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica**: a questão da democracia. Campinas: Papirus, 2001.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. **História Oral**. Tradução de Andréa Zhourie e Lígia Maria Leite Pereira, *[S. l.]*, v. 5, 2009. Disponível em: https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/47. Acesso em: 02 fev. 2026.